

Jornalismo, ambiente, ativismo e sustentabilidade: uma proposta de tipos ideais¹

Roberto Villar Belmonte²

Resumo: Este artigo apresenta tipos ideais para dar conta da relação Jornalismo e Ambiente por meio de revisão bibliográfica. Primeiro são revisitados os conceitos de Jornalismo Ambiental e Jornalismo sobre Meio Ambiente propostos por Girardi e outros (2012). Depois é problematizado o silenciamento em torno do ecojornalismo e proposto um Jornalismo de sustentabilidade. Por fim pontos de vista são selecionados para configurar três tipos ideais de jornalismo especializado derivados do Jornalismo Científico, do Movimento ecológico e do Jornalismo Econômico. Assim busca-se contribuir com os esforços que vem sendo realizados no Brasil para a constituição de um referencial teórico para o Jornalismo Ambiental.

Palavras-Chave: Jornalismo Ambiental. Ecojornalismo. Jornalismo de sustentabilidade. Jornalismo especializado. Tipos ideais.

1. Introdução

O Jornalismo Ambiental é considerado no Brasil uma das especializações do Jornalismo pelo menos desde a realização da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento realizada em 1992 no Rio de Janeiro conforme discutido em Belmonte (2017). Eventos e cursos preparatórios realizados pelo país antes e depois do encontro diplomático internacional ajudaram a consolidar essa especialização fortemente influenciada pelo Jornalismo Científico e pelo movimento ecologista.

Na época da Conferência do Rio, quando a especialização em temas relacionados ao ambiente se consolidou no Jornalismo brasileiro, dois termos eram usados no Brasil para a denominação do profissional que atuava nessa nova área: jornalista ambiental e ecojornalista. O primeiro, mais próximo do Jornalismo Científico, era influenciado pelo Jornalismo estadunidense onde foi criada em 1990 a Sociedade de Jornalistas Ambientais (SEJ, na sigla em inglês). O segundo, alinhado com a luta do movimento ecologista, ganhou destaque no

¹ Pesquisa de doutorado em andamento no Grupo de Pesquisa Jornalismo Ambiental (CNPq/UFRGS).

² Estudante de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e professor de jornalismo no Centro Universitário Ritter dos Reis, rvillar21@gmail.com.

país com a criação, também em 1990, do Núcleo de Ecojornalistas do Rio Grande do Sul, primeira entidade brasileira a congregar jornalistas interessados nos temas ambientais.

Nos últimos anos, o Jornalismo Ambiental deixou de ser considerado apenas um termo que designa uma especialização e passou a ser visto também como um conceito de Jornalismo que sugere uma forma específica de ação profissional. Esse artigo revisita os atributos do jornalismo especializado, discute os conceitos Jornalismo Ambiental e Jornalismo sobre Meio Ambiente propostos por Girardi e outros (2012) e propõe a retomada de outros dois conceitos: ecojornalismo e jornalismo de sustentabilidade. Por fim trata o Jornalismo Ambiental, o ecojornalismo e o jornalismo de sustentabilidade como tipos ideais do jornalismo especializado brasileiro.

2. Jornalismo especializado

Em meados do século XX na Alemanha, Otto Groth (2011) entendia que, diante do volume de acontecimentos existentes nas grandes cidades, os repórteres deveriam se especializar para melhor abastecer os jornais com notícias. “Eles [os repórteres] conseguem por meio destas [especializações] as maiores experiências, os relacionamentos mais produtivos na área que eles escolhem para o seu trabalho.” (GROTH, 2011, p. 382). Era o setorista, na perspectiva do teórico alemão, que se transformava em especialista.

Segundo os pesquisadores espanhóis Javier del Moral e Francisco Ramírez (1993), o colaborador precedeu o jornalista especializado assim como alguns correspondentes das duas grandes guerras, que acabaram se especializando em temas bélicos. Segundo os mesmos autores, o jornalista especializado em temas científicos e tecnológicos surgiu no século XX para atender às distintas necessidades da nova sociedade industrial diante da segmentação do conhecimento, com receptores exigindo cada vez mais profundidade informativa. “A informação jornalística especializada pode oferecer uma via intermediária tentando aproximar os conhecimentos científicos mediante a adaptação destes temas a uma linguagem jornalística acessível ao grande público.” (MORAL; RAMÍREZ, 1993, p. 93). Bueno (2015) também entende o jornalismo especializado como resultado de um processo de segmentação.

O Jornalismo especializado representa a consolidação de um processo vertiginoso de segmentação, que articula conteúdos e audiências, mediado pela produção e circulação de discursos intrinsecamente associados a jargões, termos técnico-científicos, neologismos e conceitos compartilhados pelos diversos campos de conhecimento. Assim, podemos falar em Jornalismo científico, esportivo, econômico, cultural, em saúde, ambiental ou agropecuário, para só citar alguns casos, legitimados, muitas vezes, por associações ou grupos, formal ou informalmente constituídos, que congregam profissionais e/ou estudiosos que se dedicam à sua produção e análise. (BUENO, 2015, p. 281).

Bueno (2015) afirma acertadamente que o Jornalismo especializado é resultado de um processo de segmentação, no entanto é preciso diferenciar os dois processos, pois especialização não é a mesma coisa que segmentação, como observa Buitoni (2013).

Especialização e segmentação comportam algumas interfaces, apresentam alguns pontos em comum e diferenciam-se em outros. Historicamente, o conceito de jornalismo especializado é anterior. Em termos gerais, a especialização caminha num sentido de aprofundação [sic] temática, sem tanta relação com um público definido, enquanto a segmentação implica mais o recorte do público e menos a concentração temática, podendo cobrir vários assuntos. (BUITONI, 2013, p. 110).

O tema é o foco da especialização, diferente do Jornalismo segmentado, que leva em consideração mais o público e seus nichos (segmentos). O Jornalismo especializado pode ser entendido como aquele que aborda em profundidade determinado tema (FERNANDES, 2017). Segundo a mesma autora, os seus atributos são: foco, aprofundamento, linguagem diferenciada e profissionais especializados. Moral e Ramírez (1993) concordam que uma característica da especialização é a necessidade de uma formação permanente por parte dos profissionais. Essa formação é necessária para que haja uma abordagem em profundidade. Uma cobertura qualificada, segundo Bueno (2015), também deve parte da definição de Jornalismo especializado.

A prática profissional e também a subárea de estudos e pesquisas em Jornalismo que contemplam o processo de produção jornalística voltado para a cobertura qualificada de temas específicos. Ele se manifesta a partir de fontes reconhecidas como competentes e autorizadas em determinadas áreas de conhecimento, e pela apropriação de um discurso especializado, que incorpora termos e expressões comuns (e muitas vezes exclusivos) dessas áreas. Na maioria dos casos, o Jornalismo Especializado se localiza em espaços (páginas, cadernos, programas, portais etc.) determinados, seja como resultado do trabalho individual de profissionais (jornalistas ou não) capacitados para exercê-lo, seja como fruto do trabalho de um grupo de profissionais, reunidos em editorias específicas. (BUENO, 2015, p. 284).

Retomando o que foi visto até aqui, o jornalismo especializado é aquele que apresenta uma abordagem em profundidade (BUITONI, 2013; FERNANDES, 2017) e qualificada (BUENO, 2015) de um tema. Bueno (2015, p. 291) também entende que “o discurso no jornalismo especializado deve ir além das fontes, incorporando a experiência, as intenções, as visões sobre o mundo e sobre o objeto da pauta dos profissionais de imprensa.”. Tal postura seria necessária para que o jornalista não seja usado inocentemente por suas fontes. O mesmo alerta faz Garcia (2006, p. 31): “A noção genérica de que os cientistas são neutros e apenas se preocupam com a verdade – um mito universal que alguns também acreditam aplicar-se ao jornalismo - é uma armadilha no caminho de um repórter de ambiente.”. Em suma, o jornalista especializado precisa conhecer o tema para produzir reportagens em profundidade.

3. Jornalismo Ambiental

O noticiário ambiental costuma ter, segundo Garcia (2006), quatro elementos em comum: a noção de risco, boa parte dos casos associada a processos longos, a incerteza científica e a complexidade técnica. Todas essas quatro características permitem considerar esse tipo de cobertura como jornalismo especializado, e um dos termos utilizados para designar essa prática é jornalismo ambiental. O pesquisador espanhol Rogelio Fernández (2003, p. 150) propõe o seguinte conceito para defini-lo: “[...] preferimos proponer que se trata del ejercicio o periodismo especializado que atiende la información generada por la interacción del hombre o de los seres vivos con su entorno, o del entorno en sí.” (FERNANDÉZ, 2003, p. 150).

Uma das primeiras vezes em que se tem notícia do uso do termo Jornalismo Ambiental no Brasil foi no nome de um evento realizado na capital paulista entre os dias 25 e 27 de outubro de 1991 chamado Seminário Internacional sobre Jornalismo Ambiental³, promovido pela Funatura, The Center for Foreign Journalists e Companhia Energética de São Paulo. Meses depois ele também foi usado na tradução da Belo Horizonte Declaration, carta do Encontro Internacional de Imprensa, Meio Ambiente e Desenvolvimento – Green Press, realizado entre os dias 20 e 24 de maio de 1992, com a presença de 955 jornalistas de 30 países, um dos eventos oficiais que antecederam a Conferência da ONU sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. Uma das recomendações era buscar recursos para a constituição de uma rede mundial de *jornalismo ambiental* (CARTA DE BELO HORIZONTE, 2004, grifo nosso).

O termo também é utilizado na apresentação do livro *Dez Dicas Práticas para Reportagens sobre o Meio Ambiente*, primeiro manual de Jornalismo Ambiental a circular no Brasil, distribuído no país pelo Fundo Mundial para a Natureza (WWF) em 1994, e republicado em 1998 pelo Núcleo de Ecojornalistas do Rio Grande do Sul. “O Jornalismo Ambiental é um fenômeno relativamente recente. Trinta anos atrás, poucos repórteres escreviam com profundidade sobre esse tema.” (NELSON, 1994, p. 9). Em seu manual, publicado originalmente nos Estados Unidos, há uma concepção de Jornalismo que defende uma postura equilibrada do profissional de grandes veículos.

Um jornalista que escreva para uma revista de meio ambiente talvez concorde com a necessidade de advogar abertamente em favor das causas ambientais. Mas, na opinião de muitos profissionais, os repórteres que trabalham para grandes veículos

³ O autor participou do Seminário Internacional sobre Jornalismo Ambiental como repórter da Rádio Gaúcha de Porto Alegre.

desempenharão melhor seu papel e prestarão um melhor serviço aos leitores e telespectadores se não abraçarem nenhuma causa. Ninguém é a favor da poluição, mas há diferenças de opinião quanto ao que fazer a esse respeito, e quanto ao custo-benefício dos programas de despoluição. São assuntos sobre os quais é legítimo discordar. O mundo está cheio de opiniões conflitantes. [...]. *Os jornalistas não devem impor seus valores ao redigir uma reportagem.* (NELSON, 1994, p. 49, grifo nosso)

A criação da Rede Brasileira de Jornalismo Ambiental, no segundo semestre de 1998, ajudou a consolidar o termo Jornalismo Ambiental no Brasil. O Jornalismo Ambiental também passou a fazer parte dos cursos de graduação de Jornalismo. A disciplina pioneira surgiu em formato de laboratório em 2003/2 na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e depois passou a ser ofertada como disciplina eletiva (GIRARDI, 2004).

Com a criação do Grupo de Pesquisa Jornalismo Ambiental (CNPq/UFRGS) instituído em 2008 para realizar estudos que venham a contribuir com a constituição de um referencial teórico para a área sintonizado com paradigmas emergentes, um esforço começou a ser feito para que o Jornalismo Ambiental deixasse de ser apenas um termo e passasse a ter um conceito que contemplasse o engajamento dos jornalistas, aparentemente evitado na concepção jornalística de Nelson (1994).

Não há uma definição consensual sobre jornalismo ambiental e o que afeta diretamente sua prática. Embora existam casos em que ele é tido como uma especialidade ou especialização jornalística, relacionada à cobertura de temas ambientais, entendemos que o jornalismo ambiental extrapola a ideia de ser uma cobertura centrada nos assuntos de meio ambiente. A concepção é outra, independente, baseada na pluralidade de vozes e na visão sistêmica, para além de uma cobertura factual ou programada. (GIRARDI et al., 2012, p. 137).

O Jornalismo Ambiental, segundo esse conceito, precisa ser sistêmico e baseado na pluralidade de vozes. Ser sistêmico, na prática, significa que o repórter precisa perceber o fenômeno principal da pauta associado a outros fenômenos, e que só assim, tentando perceber o todo, será capaz de apresentar de maneira aprofundada os problemas com causas, consequências e possíveis soluções. Daí também a necessidade de uma diversidade de fontes. A pluralidade de vozes e a visão sistêmica se enquadram no que os autores citados anteriormente entendem por Jornalismo especializado, aquele que apresenta uma abordagem aprofundada de um tema. A cobertura factual não dá conta desse desafio. Por isso o Jornalismo Ambiental defendido só pode ser praticado por meio de reportagens em profundidade. Ele não seria possível, portanto, no noticiário fragmentado do Jornalismo diário.

Segundo Girardi, Loose e Silva (2018), o Jornalismo Ambiental requer contextualização, pluralidade de vozes, saber ambiental, cobertura sistêmica, apresentação de soluções e responsabilidade com a mudança do pensamento diante das injustiças e desigualdades ambientais. O conceito do Grupo de Pesquisa da UFRGS segue as pistas deixadas por Bueno (2007).

O Jornalismo Ambiental deve propor-se política, social e culturalmente engajado, porque só desta forma conseguirá encontrar forças para resistir às investidas e pressões de governos, empresas e até de universidades e institutos de pesquisa, muitos deles patrocinados ou reféns dos grandes interesses. (BUENO, 2007, p. 29).

Ainda segundo o mesmo autor, a pauta ambiental surge de uma militância cívica. Ela não apenas informa, mas também teria uma função pedagógica garantindo condições para que o cidadão comum participe do debate ambiental (BUENO, 2007). Para Girardi e outros (2012, p. 138), o Jornalismo Ambiental “[...] demanda a ampliação do número de fontes, a profundidade do conteúdo, a abordagem qualificada e plural, inerentes ao compromisso social, eixo primordial do fazer jornalístico.”. O jornalista ambiental informa com a intenção de transformar, mobilizar e promover o debate.

O Jornalismo Ambiental, partindo de um tema específico (mas transversal), visa ser transformador, mobilizador e promotor de debate por meio de informações qualificadas e em prol de uma sustentabilidade plena. Para sua concretização é necessário buscar respaldo em olhares mais abrangentes, que possibilitem ver as conexões, superar a fragmentação reiterada. Fundem-se, desta forma, a natureza do jornalismo especializado com as demandas socioambientais que acabam por compor o horizonte de reflexão dos paradigmas emergentes. (GIRARDI et al., 2012, p. 148).

A postura militante (BUENO, 2007) e a intenção de transformar (GIRARDI et al., 2012) estão presentes em outra obra escrita nos Estados Unidos e trazida para o Brasil, desta vez pela Universidade Federal do Paraná e pela Fundação O Boticário. Trata-se do livro em formato de cartilha do jornalista Michael Frome.

O Jornalismo Ambiental é diferente do Jornalismo tradicional. Ele é jogado segundo regras baseadas em uma consciência diferente daquela predominante na sociedade. Ele é mais do que uma forma de fazer reportagens e escrever, mas uma forma de viver, de olhar para o mundo e para si próprio. Ele começa com um conceito de serviço social, dá voz à luta e às demandas e se expressa com honestidade, credibilidade e finalidade. Ele quase sempre envolve, de alguma forma, em algum lugar, riscos e sacrifícios. (FROME, 2008, p. 60).

Ainda segundo o mesmo autor, o Jornalismo Ambiental “[...] deve ser claro e compreensível, baseado em dados precisos e pesquisa extensa, sem deixar de refletir a imaginação do autor, seus sentimentos mais profundos e seu desejo de promover a causa de um mundo melhor.” (FROME, 2008, p. 63). Na mesma linha argumentam Girardi e outros

(2012, p. 149) quando dizem que o Jornalismo Ambiental reconhece os princípios do Jornalismo Científico, “[...] mas ultrapassa-o ao se propor sistêmico e complexo, fundamentado em uma ética e em uma cidadania ambiental, a ponto de sugerir que o ambiental, em sua transversalidade, ‘contamine’, ainda, as demais editoriais.”. A noção de jornalismo engajado⁴ também está presente entre os jornalistas chineses que praticam o Jornalismo Ambiental investigativo (TONG, 2015).

Se o Jornalismo Ambiental passa pelo caminho da especialização ele necessariamente precisa abordar os temas de maneira aprofundada, e sistêmica, ou seja, relacionando o fenômeno principal da reportagem com outros fenômenos naturais e sociais. E também deve ser engajado, segundo Frome (2008), Girardi e outros (2012) e Tong (2015). Por outro lado, o Jornalismo sobre Meio Ambiente seria o descaminho (GIRARDI et al., 2012), com uma abordagem fragmentada, superficial e descontextualizada, características do formato notícia do gênero informativo. O Jornalismo sobre Meio Ambiente não seria, portanto, um Jornalismo especializado.

4. Ecojornalismo

O Núcleo de Ecojornalistas do Rio Grande do Sul utiliza o termo ecojornalismo como sinônimo de Jornalismo Ambiental: “Hoje o NEJRS é uma ONG que se constitui em referência nacional sobre Jornalismo Ambiental, com participação ativa nos principais eventos relacionados ao tema.” (O NEJ, 2008, grifo nosso). A distinção entre os termos também não é feita por Girardi (2004, p. 203) quando ela apresenta a primeira disciplina de Jornalismo Ambiental implantada no Brasil: “Este texto tem como proposta demonstrar a dimensão educativa do ecojornalismo a partir do relato da experiência da implantação da Disciplina Jornalismo Ambiental”. No entanto, o termo ecojornalista tem uma carga semântica diferente, como constata Petrarca (2008) em estudo sociológico sobre os ecojornalistas no Rio Grande do Sul.

A utilização do termo “eco jornalista”, ou “jornalista ambientalista”, representava uma importante estratégia para romper com os jornais comerciais e vincular o jornalismo a defesa do meio ambiente, tornando-o mais próximo dos interesses do movimento ecológico. (PETRARCA, 2008, p. 38-39).

Essa proximidade com o movimento ecológico não era bem vista por parte dos

⁴ A autora utiliza o termo *advocacy journalism*, traduzido aqui como jornalismo engajado devido à falta de consenso ainda sobre a tradução em português para esse termo.

jornalistas, como demonstrou a inclusão do termo ecojornalista em uma lista de vinte coisas consideradas “nada mais chato que...” publicada em importante coluna do jornal Zero Hora no dia 3 de julho de 1995 (STERZI, MARTINS FILHO, TEIXEIRA, 1995, p. 3). A lista incluía também sindicalista com e sem a língua presa. O jornal acabou publicando seis cartas de desagravo nos dias 10 e 16 de julho, duas delas vindas do exterior, resultado da utilização pioneira que os ecojornalistas faziam da internet.

Fora do Rio Grande do Sul, o termo Jornalismo ecológico também era usado para designar essa proximidade do Jornalismo com os movimentos ecológicos, como nessa manifestação feita pelo jornalista Fernando Gabeira em sua palestra no Seminário para Jornalistas sobre População e Meio Ambiente promovido pela Federação Nacional dos Jornalistas em 1989, evento que influenciou a criação do Núcleo de Ecojornalistas do Rio Grande do Sul.

Um outro obstáculo que eu acho, também, fundamental no Brasil é a falta de investimento dos patrões no processo de formação dos jornalistas que cuidam do meio ambiente. Eu observo que isso foi uma iniciativa dos próprios jornalistas. Os patrões jamais, ou em pouquíssimos casos, se preocupam em formar gente no Brasil. Eu acho que o *jornalismo ecológico* no Brasil está chegando a um impasse parecido com o do movimento ecológico. Nós denunciemos demais. Nós estamos com quase todas as grandes denúncias do Brasil mapeadas, mas temos pouquíssimas soluções para os problemas que nós denunciemos. (GABEIRA, 1989, p. 52, grifo nosso).

O termo Jornalismo ecológico citado por Gabeira (1989) também foi uma das designações utilizadas na Espanha para descrever o Jornalismo especializado em temas ambientais. No entanto, prevaleceu o uso de jornalismo ambiental para evitar a carga semântica embutida no termo ecológico.

A finales de 1994 ya apareció el vocablo fijado en la Asociación de Periodistas de Información Ambiental (APIA). Con ello, los profesionales de la especialidad se desvinculaban de las confusiones que podía acarrear el nombre “ecológico” por su carga ideológica y se reafirmaban en lo ambiental como un ejercicio profesional. (FERNÁNDEZ, 2003, p. 148).

O termo ambiental acabou prevalecendo na Espanha. “Lo ecológico, en cambio, resulta más conflictivo pues se asocia a ideología, compromiso, adoctrinamiento, dogma, militancia, lucha, etc. Es sin duda, un término cargado de intencionalidad y hasta de resonancias revolucionarias para muchos.” (FERNÁNDEZ, 1995 apud FERNÁNDEZ, 2003, p. 147).

O modo como um jornalista se apresenta, ressaltando seu lado profissional ou seu lado militante, depende do seu maior ou menor engajamento com o movimento ecológico. “O engajamento dos jornalistas com a problemática ambiental e as relações estabelecidas com membros do movimento ambiental contribuem para certas modificações no eu do jornalista e

em seu esquema de imagens para julgar a si e aos outros.” (PETRARCA, 2008, p. 43-44). Ainda segundo a mesma autora que estudou os ecojornalistas gaúchos, esses jornalistas buscam uma posição na fronteira entre as regras do jornalismo e a questão ambiental.

Esses jornalistas constroem uma posição de “mediadores, de “especialistas” que conhecem os mecanismos de funcionamento da imprensa e fazem a ponte entre movimento ambiental e a imprensa cotidiana, jornalistas que, ao mesmo tempo, conhecem os problemas do movimento ambiental e por isso podem falar sobre o meio ambiente com mais propriedade que os demais jornalistas. (PETRARCA, 2008, p. 49-50).

No Brasil, assim como na Espanha, o termo ecojornalista ou ecojornalismo vem sendo silenciado. No entanto, a carga ativista do afixo eco está presente na definição de Jornalismo Ambiental desenvolvida não apenas por Girardi e outros (2012), mas também por Frome (2012) e Tong (2015).

5. Jornalismo de sustentabilidade

Um novo tipo de Jornalismo, chamado de Jornalismo sustentável, foi defendido no início do século XXI por Detjen (2002), misturando objetividade com ativismo. Dois anos depois, o pesquisador espanhol Rogelio Fernández publicou artigo sugerindo o surgimento de uma subárea do Jornalismo Ambiental focada em sustentabilidade.

En el ámbito académico no tenemos constancia de que se hable aún de periodismo sostenible. Pero sí se aprecia un incipiente nacimiento en el ámbito profesional. [...] Aún así, los límites no están fácilmente definidos. ¿Cuál sería la diferencia esencial? Si el periodismo ambiental trata la información generada en la interacción del hombre o los seres vivos con su entorno o del entorno en sí, el periodismo sostenible trataría la información preeminentemente ambiental, económica o social que afecte a la disponibilidad de los recursos de las generaciones futuras. (FERNÁNDEZ, 2004, p. 315).

Assim como o Jornalismo Ambiental está mais próximo do Jornalismo Científico e o ecojornalismo dos movimentos ecológicos, o Jornalismo sustentável ou Jornalismo de sustentabilidade estaria mais próximo do Jornalismo econômico, como algumas pesquisas já vêm sugerindo.

A questão econômica tem sido apontada por diferentes trabalhos como um dos elementos que mais influenciam a cobertura ambiental. Em detrimento de um bem-estar coletivo está o predomínio da racionalidade economicista, fundamentada no elogio da produtividade e da eficiência como parâmetros globais. (GIRARDI et al., 2012, p. 143-144).

Em pesquisa de mestrado, Belmonte (2015) mostrou como a revista *Página 22*⁵ vem realizado no Brasil um Jornalismo Ambiental focado em sustentabilidade que poderia ser considerado um jornalismo de sustentabilidade. Segundo Fernández (2004), os pontos em comum do Jornalismo Ambiental e do Jornalismo sustentável seriam a interdisciplinaridade, a proposta de mudança de conduta, atualidade trabalhada como processo e a realidade complexa. O pesquisador espanhol também aponta diferenças.

Entre las diferencias estarían el que el periodismo sostenible no está vinculado al periodismo científico como el ambiental, puede atender asuntos puramente sociales, o económicos, sin tratar lo ambiental, aunque lo ambiental sea prioritario dentro de la sostenibilidad; si el periodismo ambiental nació en el seno de las culturas alternativas, el periodismo sostenible tiene, además de la impronta alternativa, la apuesta institucional; otra diferencia sería que, mientras el periodismo sostenible es antropocentrista (su centro lo componen las nuevas generaciones humanas), el periodismo ambiental abraza más bien la concepción de biocentrismo débil, entendiendo éste como sistema de valores que hace de la vida el principal valor, admitiendo una jerarquía por la cual la especie humana, en caso de conflicto, es prioritaria moralmente sobre otras especies. Concluyendo, no consideramos descalabrado admitir la aparición de una subespecialidad del periodismo ambiental centrada en el desarrollo sostenible. Quizás se trata de una incipiente especialización horizontal y temática que se relaciona con otras disciplinas, abordando la información generada sobre la disponibilidad de los recursos y de la calidad de vida a las próximas generaciones. (FERNÁNDEZ, 2004, p. 316).

Dado o grande enfoque econômico encontrado em reportagens ditas ambientais publicadas no Brasil, o estudo do Jornalismo de sustentabilidade pode trazer importantes contribuições para as pesquisas da área.

6. Tipos ideais

O Jornalismo Ambiental, o ecojornalismo e o Jornalismo de sustentabilidade podem ser compreendidos como tipos ideais nos estudos sobre Jornalismo e Ambiente. O tipo ideal, segundo Charron e Bonville (2016, p. 36), é um modelo sistematizado pelo sociólogo alemão Max Weber, uma representação abstrata da realidade “com apenas alguns traços julgados típicos ou característicos pelo pesquisador”. Ainda segundo os mesmos autores, ele serve de guia para a observação da realidade e a formulação de hipóteses. Ele é obtido pela acentuação de um ou mais pontos de vista.

Obtém-se um tipo ideal mediante a acentuação unilateral de um ou de vários pontos de vista e mediante o encadeamento de grande quantidade de fenômenos isoladamente dados, difusos e discretos, que se podem dar em maior ou menor

⁵ A revista *Página 22* foi fundada em setembro de 2006, na cidade de São Paulo (SP), pelas jornalistas Amália Safatle e Flavia Pardini, através de uma parceria com o Centro de Estudos em Sustentabilidade da Escola de Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas (EAESP-GVces).

número ou mesmo faltar por completo, e que se ordenam segundo os pontos de vista unilateralmente acentuados, a fim de se formar um quadro homogêneo de pensamento. É impossível encontrar empiricamente na realidade este quadro, na sua pureza conceitual, pois trata-se de uma utopia. (WEBER, 2016, p. 252).

Esse caráter utópico do tipo ideal proposto por Max Weber significa, segundo Barbosa e Quintaneiro (1999), que ele não pretende ser um reflexo do real, mas sim uma tentativa de compreender o real em seus traços considerados essenciais. Nos estudos sobre jornalismo e ambiente, significa que em determinada reportagem ou veículo jornalístico pode predominar um tipo ideal e também existirem marcas de outro tipo ideal, pois ele não é absoluto e nem um espelho do real.

Quais os pontos de vista acentuados em cada um dos três tipos ideais de Jornalismo especializado? No Jornalismo Ambiental, o argumento central viria da ciência, ele está mais próximo do Jornalismo Científico e o profissional tem no Jornalismo sua fonte de renda; no ecojornalismo o norte vem da agenda do movimento ecológico⁶, não necessariamente com abordagem científica, e o ecojornalista muitas vezes atua como militante voluntário sem remuneração; no Jornalismo de sustentabilidade o argumento central é econômico, ele está mais próximo do Jornalismo econômico e o profissional tem no jornalismo sua fonte de renda, muitas vezes gerada em empreendimentos de pequeno e médio porte.

7. Considerações finais

O Jornalismo Ambiental, o ecojornalismo e o Jornalismo de sustentabilidade são especializações do Jornalismo que se complementam e são cada vez mais necessárias para dar conta dos desafios de um planeta com quase oito bilhões de habitantes, clima cada vez mais alterado e desigualdades econômicas crescentes. Esses três tipos ideais são apresentados para o debate com o objetivo de contribuir com os esforços que vem sendo realizados no Brasil para a constituição de um referencial teórico para o Jornalismo Ambiental.

Com as mudanças ambientais globais e com o retrocesso institucional vivido no país, logo surgirá também por aqui o Jornalismo de mudança do clima, já ensaiado em alguns jornais de São Paulo, e o Jornalismo de risco e catástrofes, que já vem sendo estudado na Espanha por Lozano, Sánchez e Morales (2017). É verdade que diante do agravamento dos problemas ambientais o tema precisa fazer parte do repertório de qualquer jornalista. No entanto, são os profissionais especializados que tem a capacidade e responsabilidade de

⁶ O movimento ecológico é entendido nesse artigo como uma nebulosa associativa (ACSELRAD, 2010), com entidades de diferentes matizes: reformistas, conservacionistas, anarquistas e anticapitalistas.

apontar os rumos da reportagem qualificada.

Referências

ACSELRAD, H. Ambientalização das lutas sociais: o caso do movimento por justiça social. **Estudos Avançados**, v. 24, n. 68, p. 103-119, 2010.

BARBOSA, Maria Ligia de Oliveira; QUINTANEIRO, Tania. Max Weber. In: QUINTANEIRO, Tania; BARBOSA, Maria Ligia de Oliveira; OLIVEIRA, Márcia Gardência de. **Um toque de clássicos: Durkheim, Marx e Weber**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

BELMONTE, Roberto Villar. A construção do discurso da economia verde na revista Página 22. 2015. 179 f. **Dissertação** (Mestrado em Comunicação e Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, UFRGS, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/117262>>. Acesso em: 08 dez. 2017.

_____. Uma breve história do jornalismo ambiental brasileiro. **Revista Brasileira de História da Mídia**, São Paulo, v. 6, n. 2, p.110-125, 2017. Disponível em: <<http://www.ojs.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/6656>>. Acesso em: 29 jul. 2018.

BUENO, Wilson da Costa. Jornalismo especializado: resgatando conceitos e práticas. In: SANTOS, Marli dos; BUENOS, Wilson da Costa (Org.). **Jornalismo especializado no Brasil: teoria, prática e ensino**. São Bernardo do Campo: UESP, 2015. p. 279-301.

BUITONI, Dulcilia Schroeder. Revista e segmentação: dividir para reunir. In: TAVARES, Frederico de Mello B.; SCHWAAB, Reges (Org.). **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre: Penso, 2013. p. 107-118.

CARTA DE BELO HORIZONTE. **Agência Ambiental Pick-upau**. São Paulo, 2004. Disponível em: <http://www.pick-upau.org.br/mundo/carta_belo_horizonte/carta_belo_horizonte.htm>. Acesso em: 29 jul. 2018.

CHARRON, Jean; DE BONVILLE, Jean. **Natureza e transformação do jornalismo**. Florianópolis: Insular; Brasília: FAC Livros, 2016.

DETJEN, Jim. A new kind of environment reporting is needed. **Nieman Reports**, Cambridge, v. 56, n. 4, p. 38-40, 2002. Disponível em: <<http://niemanreports.org/articles/a-new-kind-of-environment-reporting-is-needed/>>. Acesso em: 29 jul. 2018.

FERNANDES, Alessandra Lemos. **Jornalismo: especialização e segmentação**. Curitiba: Intersaberes, 2017.

FROME, Michael. **Green Ink: uma introdução ao jornalismo ambiental**. Curitiba: Editora UFPR, 2008.

GABEIRA, Fernando Paulo Nagle. Novas concepções, ações e movimentos no Brasil de hoje. In: SEMINÁRIO PARA JORNALISTAS SOBRE POPULAÇÃO E MEIO AMBIENTE, 1989, Brasília. **Anais...** Brasília: Fenaj, 1989.

GARCIA, Ricardo. Sobre a terra: um guia para quem lê e escreve sobre ambiente. Lisboa: Público, 2006.

GIRARDI, Ilza et al. Caminhos e descaminhos do jornalismo ambiental. **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo, v. 34, p. 132-152, 2012. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/2972>>. Acesso em: 29 jul. 2018.

_____. Ecojornalismo e Educação Ambiental: a experiência de implantação da Disciplina de Jornalismo Ambiental na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 203-213, 2004.

_____; LOOSE, Eloisa Beling; SILVA, Jamille Almeida da. O jornalismo ambiental na concepção de quem o faz: estudo com jornalistas da América Latina, Caribe, Portugal, Espanha e países africanos de língua portuguesa. **Aturá Revista Pan-Amazônica de Comunicação**, Palmas, v. 2, n. 2, p. 48-66, 2018.

GROTH, Otto. **O poder cultural desconhecido**: fundamentos da ciência dos jornais. Petrópolis, RJ. Vozes, 2011.

LOZANO, Carlos; SÁNCHEZ, Luisa; MORALES, Enrique. **Periodismo de riesgo y catástrofes**: en los telediarios de las principales cadenas de televisión em España. Madrid: Editora Fragua, 2017.

MORAL, Javier Fernández del; RAMÍREZ, Francisco Esteve. **Fundamentos de la información periodística especializada**. Madrid: Editorial Síntesis, 1993.

NELSON, Peter. **Dez dicas práticas para reportagens sobre o meio ambiente**. Washington: International Center for Journalists, 1994.

FERNÁNDEZ, Rogelio. En torno al debate sobre la definición del periodismo ambiental. **Ámbitos**, Sevilla, n. especial 9-10, p. 143-151, 2003. Disponível em: <<https://idus.us.es/xmlui/bitstream/handle/11441/52292/En%20torno%20al%20debate%20sobre%20la%20definición%20de%20periodismo%20ambiental.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 29 jul. 2018.

_____. Periodismo ambiental y periodismo sostenible. **Ámbitos**, Sevilla, n. 11-12, pp.311-317, 2004. Disponível em: <https://www.ull.es/publicaciones/latina/ambitos/11-12/archivos11_12/reyes.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2018.

STERZI, Eduardo; MARTINS FILHO, Cyro Silveira; TEIXEIRA, Jerônimo. Nada mais chato que.... **Zero Hora**, Porto Alegre, 02 jul. 1995. Revista ZH, p. 3.

O NEJ. **O primeiro núcleo de ecojornalistas do Brasil**. Porto Alegre, 2008. Disponível em: <<http://www.ecoagencia.com.br/?open=nej>>. Acesso em: 29 jul. 2018.

PETRARCA, Fernanda Rios. Atuação profissional, recursos militantes e lógicas de engajamento no jornalismo ambiental no Rio Grande do Sul. **Comunicação & política**. Rio de Janeiro, v. 26, nº3, p. 27-54. 2008.

TONG, Jingrong. The epistemology of environmental journalists: the case of China. **Journalism Studies**, Londres, v. 18, n. 6, p. 771-786, 2017. Publicado online em: 12 set. 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/1461670X.2015.1076707>>. Acesso em: 21 abr. 2018.

WEBER, Max. **Metodologia das Ciências Sociais**. São Paulo: Cortez, 2016.